

HOMOSSEXUALIDADE: UMA PERSPECTIVA CRISTÃ

Ana Claudia de Antonio¹

Me. Fred R. Bornschein²

RESUMO

O presente trabalho observa a trajetória dos conceitos acerca do homossexualismo no decorrer da história da humanidade e sua influência na sociedade moderna e no pensamento cristão contemporâneo, bem como o impacto que esta questão exerce sobre a Igreja de Cristo. Também são estudadas as possíveis motivações biológicas, psicológicas e sociais deste comportamento. A questão é tratada, com maior ênfase, sob a ótica bíblica, uma vez que as preferências pessoais e culturais variam, mas o padrão do Criador, não. O conflito existente entre cristãos e homossexuais também é abordado, onde cristãos são acusados de preconceito, intolerância e homofobia e os ativistas homossexuais procuram criminalizar a opinião da Igreja, promovendo ataques contra o cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja; Homossexualismo; Preconceito; Bíblia.

ABSTRACT

The present work notes the trajectory of concepts about homosexuality in the course of human history and your influence on modern society and contemporary Christian thought and the impact that this exerts on the Church of Christ. Are also studied the possible biological, psychological and social motivations of this behavior. The issue is treated, with greater emphasis, in the Biblical perspective, once the personal and cultural preferences vary, but the Creator, no. The conflict between Christians and homosexuals is also addressed, where Christians are accused of bias, bigotry and homophobia and gay activists seek to criminalize opinion of the Church, promoting attacks against Christianity.

KEYWORDS: Church; Homosexuality; Preconception; Bible.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a igreja foi omissa ao não se posicionar em relação ao homossexualismo, mas atualmente o tema vem ganhando maior visibilidade e há inclusive lideranças religiosas que defendam sua prática, acreditando que o relacionamento homoafetivo não afasta o homem de Deus.

O presente trabalho observa a trajetória dos conceitos acerca do homossexualismo no decorrer da história da humanidade e sua influência na sociedade moderna e no pensamento cristão contemporâneo, bem como o impacto

¹ Licenciatura e Bacharelado em Letras Português/Inglês pela Universidade Tuiuti do Paraná. Bacharelado em Teologia. Faculdade Teológica Betânia - FATEBE. E-mail: anaclaudia.hf@hotmail.com.

² Mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, Brasil. Pós-graduado (lato sensu) em Estudos Avançados em Teologia e Bíblia. Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul/SC. Bacharelado em Teologia. Faculdade Evangélica do Brasil, Londrina/PR. E-mail: frb372@gmail.com

que esta questão exerce sobre a Igreja de Cristo. Valores morais absolutos da Bíblia têm sido relativizados, frente a este movimento que considera tudo como normal e aceitável. Todavia, para se determinar se algo é certo ou errado é preciso ter um padrão pelo qual o ato controverso é avaliado. A única autoridade que pode estabelecer tal padrão é o soberano Criador de todas as coisas. Uma vez que Deus deu à humanidade a Sua Palavra por meio da Bíblia, esta é a fonte para se determinar se alguma coisa, inclusive a homossexualidade, é moralmente correta.

Este estudo tem por objetivo analisar a conduta homossexual, suas motivações biológicas, psicológicas e sociais, bem como a influência que o homossexualismo exerce na sociedade e a maneira como a igreja tem se posicionado, propondo uma maneira adequada e equilibrada para lidar com a questão.

A pesquisa nasce da necessidade de se buscar uma postura adequada por parte da igreja diante da problemática da homossexualidade, num cenário atual de conflitos entre cristãos e homossexuais, onde cristãos são acusados de preconceito, intolerância e homofobia e os ativistas homossexuais procuram criminalizar a opinião da igreja, promovendo ataques contra o cristianismo.

1. HOMOSSEXUALIDADE: OS CONCEITOS AO LONGO DA HISTÓRIA

A definição sobre o que é de fato a homossexualidade ainda tem sido objeto de debate entre a comunidade científica, os grupos religiosos e os homossexuais. O que se concorda é que o indivíduo que, em sua vida adulta, sente atração sexual preferencial por membros do mesmo sexo, independentemente de haver se relacionado sexualmente ou não, é tido como homossexual.

Conceitualmente, a homossexualidade é tratada como uma definição para os desejos e as relações afetivas-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, entendendo-se que tal conceito não possui o mesmo sentido nas diferentes culturas e períodos da história (FRY; MACRAE, 1985, p. 7).

Até alguns anos atrás, do ponto de vista da psicologia e da psiquiatria, a homossexualidade era considerada como um desvio sexual, comparado ao incesto, fetichismo, exibicionismo, sadismo, dentre outros. Era entendida desta forma por causar sensação de culpa, ansiedade ou desconforto. No Dicionário de Psicanálise (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 112), os autores comentam que no século XIX a

homossexualidade havia sido classificada como um distúrbio pelos estudiosos em psiquiatria, mas em 1974, acabou sendo reconhecida como uma forma de sexualidade e riscada da lista de doenças mentais da Associação Americana de Psiquiatria. Em 1990 o termo homossexualidade é retirado da Classificação Internacional de Doenças CID 10, livro elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993).

Freud, psiquiatra e fundador da psicanálise, embora rejeitasse a tradição judaico-cristã, afirmou, em sua obra “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” que nosso dever é oferecer uma teoria satisfatória que esclareça a existência de todas as perversões descritas e explicar sua relação com a chamada sexualidade normal. (FREUD, 1974, p. 154)

Severo pondera que, além disso, do ponto de vista psicanalítico de Freud, uma característica comum a todas as perversões é que nelas se coloca de lado a reprodução humana, com objetivo único de obtenção de prazer independente. (SEVERO, 1998, p. 78,79)

As pesquisas com relação às causas da homossexualidade ainda não são consideradas de todo consistentes, porém não se encontram quadros de aberração cromossômica ligados primitivamente à homossexualidade, o que descarta sua origem genética. Estudos demonstram que em todos os casos de homossexualidade masculina examinados, o sexo genético correspondia ao sexo fenotípico (respectivo) e faltavam sinais de qualquer alteração cromossômica verdadeira.

Mesmo os defensores da origem genética da homossexualidade admitem que a eventual “predisposição inata” só se transforma em efetivo desejo homossexual por força de fatores desencadeadores de natureza psicossocial. Freud também considerava que o meio onde as crianças se desenvolvem é fator determinante de sua sexualidade (FREUD, 1974, p. 62).

Atualmente existem pesquisas que apontam para o fato de que grande percentual dos que se dizem homossexuais sofreram traumas sexuais na infância, vindo de lares e contextos perturbados. Desta forma, o assunto ainda é um enorme desafio para psicologia, que precisa diferenciar casos inatos de comportamentos adquiridos.

Grzybowski, especialista em terapia familiar sistêmica, esclarece que em casos de homossexuais atendidos por ele, há características familiares comuns que podem indicar alguns fatores ligados a construção deste modelo de sexualidade,

quando analisada a forma com que seus membros se comunicam e desenvolvem suas interações (GRZYBOWSKI, 2001, p. 23).

Também Bernstein, num estudo com o propósito de avaliar a influência da afeição dos pais na formação da identidade homossexual, demonstra que um forte vínculo afetivo materno, na maioria das vezes, é associado a uma identificação homossexual masculina. Quando por outro lado, as figuras de pai e mãe possuem o mesmo grau de ligação afetiva, o ajustamento psicológico é consistente e indica relacionamentos saudáveis e socialmente ajustáveis (BERNSTEIN, 1997, p. 9).

Grzybowski cita que são comuns quadros em que a mãe se sente abandonada e não suprida por seu cônjuge em suas necessidades emocionais, buscando nos filhos um vínculo afetivo que lhe supra. Elege um filho em especial, o mais suscetível e sensível aos seus cuidados, e forma com este uma aliança intergeracional. Este filho "especialmente escolhido", constrói sua sexualidade de acordo a figura materna, desenvolvendo uma superidentificação com o progenitor com o qual está aliado (GRZYBOWSKI, 2001, p. 29).

Whitaker & Bumberry mencionam que para um bom funcionamento familiar é preciso haver uma clara distinção de gerações, com uma estrutura hierárquica sem padrões rígidos de pertencimento incondicional a um ou outro subsistema. Ao mesmo tempo em que o sujeito se beneficia do sentimento de pertencer, ele também exerce sua independência e autoexpressão (WHITAKER, 1990, p. 56).

Os estudiosos são unânimes em afirmar que outra característica frequente apresentada na estrutura familiar de famílias com componentes homossexuais é o vácuo deixado pela figura parental masculina, aberto por sua ausência física ou emocional, como também em situações mais graves, podendo ser um abusador físico e/ou sexual, não permitindo que o filho aprenda através da convivência e identificação, ou tenha feridas profundas em sua construção sexual.

Spataro comprova que muitos sujeitos com identidade homossexual masculina ou feminina apresentam na sua história de vida, relatos de abuso sexual na infância. Os meninos são mais vítimas de abusos sérios envolvendo força e penetração e as meninas, na maioria das vezes, por atos praticados por familiares, com histórico de alcoolismo ou abuso de drogas, sofrendo assédio e carícias de contexto sexual.

As vítimas de abuso sexual, principalmente masculinas, relatam apenas informalmente os abusos sofridos, temendo uma exposição pública, sendo que estas questões muitas vezes são mantidas em segredo perpetuamente,

trazendo uma degradação de sua autoimagem, medo e culpa (SPATARO, 2001, p. 177-183).

Diversos autores, como Anton, Friedman e Pittmann, ressaltam a poderosa influência negativa que a manutenção de segredos provoca nos relacionamentos, tais como a sustentação de alianças perversas e a perpetuação de disfunções hierárquicas que surgem nas famílias. Friedmann afirma que a vergonha, a reclusão, a delinquência, as tentativas de suicídio, o medo da dissolução da família, o medo da perda do amor, o medo de morte, a possível exclusão familiar, são algumas fantasias que surgem como conseqüências de que os segredos familiares venham à tona. (FRIEDMANN, 1974, p. 16)

Naturalmente que, ainda que todas essas características relacionais tenham um papel relevante na formação e na conduta sexual de um indivíduo, sua reação perante as mais diversas situações é determinante. O homem é, ao menos em parte, produto do meio, mas felizmente dotado de liberdade de escolha diante de seus enfrentamentos, e esta é uma condição fundamental de sua humanidade.

2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO HOMOSSEXUALISMO

Em qualquer sociedade, os valores morais são essenciais, pois ditam o comportamento, a forma de interação entre os membros daquele grupo e a ordem do cotidiano social. Naturalmente que estes valores sofrem influências religiosas e familiares. Os valores culturais e os costumes dominantes em cada sociedade são determinados pelo momento histórico em que as pessoas se encontram. Assim, a moral sempre tem um contexto histórico-social, pois é estabelecida a partir de necessidades historicamente despertadas. Com a questão do homossexualismo não é diferente e por este motivo faz-se necessário o estudo do tema através da ótica das diferentes sociedades no decorrer da história.

A prática de relacionamentos anormais ao propósito sexual tem se manifestado desde o começo da humanidade em todas as épocas das quais se tem conhecimento, e em todas as raças, das mais primitivas às mais altamente civilizadas. Algumas vezes tem tido êxito em alcançar a tolerância e a aceitação geral e em outras, provocado desprezo e perseguição por parte da sociedade preconceituosa.

Os gregos exaltavam o homossexualismo como a mais elevada forma de relacionamento pessoal, pois as mulheres não tinham o mesmo nível cultural para conviver com um homem (BROWN, 1990, p. 18). Por outro lado, algumas mulheres, deixadas em casa, e a quem era negado qualquer envolvimento na sociedade, recorriam ao lesbianismo como forma de escape às suas emoções. Os escritos da poetisa Safo (cerca de 600 a.C.) enaltecendo a beleza das estudantes de sua escola tornaram-se popular entre vários grupos de mulheres (BREMNER, 1995, p. 33).

A mitologia grega está recheada de deuses, semi-deuses e seres bissexuais ou homossexuais. Provavelmente o caso mais conhecido seja o da paixão de Zeus pelo jovem Ganimedes. Também Apolo, deus da beleza e da eterna juventude, além de seus incontáveis amores femininos, possuiu inumeráveis homens (OLIVEIRA, 2011, p. 37).

A educação dos meninos atenienses se dava através de laços de amizade e prática homossexual com seus mentores. Um cidadão que não exercesse a adoção de jovens e se encarregasse de sua educação, era acusado de omissão em seus deveres como cidadão. Era uma obrigação social tão importante quanto pagar impostos. Os meninos após os 12 anos de idade, nunca abaixo dessa idade, procuravam um adulto para sua educação. Com a aprovação da família e do garoto, este praticava sexo homossexual passivo até completar seus 18 anos de idade com o mentor que lhe ensinava tudo o que sabia sobre a vida. A partir de então, tornava-se ativo e deveria ser mentor de outro jovem, para posteriormente casar-se, próximo a completar 25 anos de idade. Obviamente, muitos continuavam com a prática homossexual. "Homens para o prazer, mulheres para a procriação", dizia a regra social da época. Assim, na Grécia antiga, a bissexualidade era vista como prova de virilidade e o sexo homossexual apenas como sexo carnal, troca de energias.

Sabe-se que Sófocles, Sócrates e outros intelectuais da elite grega tinham amantes masculinos até mesmo depois de velhos (SPENCER, 1999, p. 20-28).

Dois séculos antes de Cristo, os romanos passaram a imitar a cultura grega, já que o homossexualismo era um comportamento aceitável pela cultura helenista há séculos. Os romanos envolveram-se com o homossexualismo como se fosse uma moda, mas nunca se sentiram confortáveis com tais práticas como os gregos. Ainda que tal comportamento gerasse escândalo, era largamente praticado por ambos os sexos em Roma. No início do segundo século d.C. Juvenal fez desse tema uma sátira, denunciando os homossexuais. Marcial escritor favorito de Roma de 80 a

95 d.C. e outras fontes deixam claro que as mulheres também tinham amantes do mesmo sexo.

O exemplo dos imperadores era um incentivo a esse tipo de comportamento. Nero envolveu-se em numerosos casos com ambos os sexos. O imperador Adriano, mesmo casado, preferia a companhia de seu amante Antinous, a ponto de escrever-lhe um poema póstumo em que o toma como um deus. Aqueles que buscavam subir de cargo lisonjeando o imperador, também se envolviam no homossexualismo (WILLIAMS, 1999, p. 16-17,22).

Embora na Grécia antiga a homossexualidade tenha sido considerada uma forma de sexualidade até superior à heterossexualidade, nas sociedades posteriores, especialmente nas ocidentais, a prática homossexual, bem como os homossexuais, foram rejeitados e condenados.

Para a opinião comum, a Idade Média marcou uma virada decisiva nas concepções e nas práticas da sexualidade no Ocidente. Depois de um período antigo greco-romano em que a sexualidade e o prazer carnal foram valores positivos e em que reinou uma grande liberdade sexual, instalou-se uma condenação geral da sexualidade e a estrita regulamentação do seu exercício. O principal agente desta inversão foi o cristianismo (LE GOFF, 1994, p. 157).

Neste período, a pena para os homossexuais era a tortura e a morte. O primeiro texto de que se tem notícias punindo severamente um homossexual aponta para o início do século VI d.C., cuja lei é de autoria de um imperador cristão. O homossexualismo foi tratado nos mesmos termos que o adultério e, portanto, sujeito à pena de morte.

A vontade de Deus era o argumento para todas as ações, inclusive as cruéis e o Papa passou a ter um poder divino sobre a terra, dividindo com os imperadores o governo das nações. O conhecimento ficou restrito aos nobres e aos clérigos. O fortalecimento do poder cristão sobre os governos seculares e o aparecimento do islamismo, tornaram o homossexualismo sujeito ao desprezo, uma vez que tanto o islamismo quanto o cristianismo reduziam o ato sexual unicamente à procriação (VAINFAS, 1989, p. 151).

Le Goff diz que a Igreja encarava a prática sexual, na melhor das hipóteses, como um mal necessário, somente indispensável para a reprodução humana. Para tanto, o corpo deveria ser privado de qualquer atividade sexual: o beijo, o abraço, o ato sexual, o toque de mãos e até a visão do próprio corpo foram proibidos. “Assim,

é possível afirmar que o corpo sexuado na Idade Média é majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p. 41).

Acerca das relações sodomitas, praticamente todos os teólogos são unânimes na condenação do comportamento homossexual, considerando-o uma das consequências do pecado original e um claro desvio dos propósitos do Criador. O casamento cristão combatia especialmente a homossexualidade, o pior pecado sexual possível, por visar apenas o prazer e não a procriação como Deus determinara ao primeiro casal: “sejam fecundos e multipliquem-se” (Gênesis 1:28). Outra passagem bíblica, muito citada pelo clero medieval, comprovava o horror ao homossexualismo difundido em Sodoma e Gomorra, cidades destruídas por Deus com enxofre e fogo por causa de suas práticas homossexuais. Pregava-se com veemência que Deus criou o ser humano, homem e mulher para se unirem e procriarem, daí supõe-se, portanto, uma heterossexualidade universal. O contato erótico entre pessoas do mesmo sexo foi logo associado ao pecado de Sodoma, que despertou a ira divina e o castigo arrasador. “A noção de pecado *contranatura*, que iria dilatar-se na Idade Média com a extensão do conceito de sodomia assim prescrevia a homossexualidade, a sodomização da mulher, o coito dorsal e o coito de Andrômaca – com a mulher sobre o homem” (LE GOFF, 1994, p. 160).

Complementando esta discussão, Vainfas declara que sodomia, fornicação e luxúria eram quase sinônimos, ou podia sê-lo na teologia moral da Alta Idade Média, apesar do permanente destaque que sempre se deu ao coito anal como ato sodômico por excelência (VAINFAS, 1989, p. 161).

Já no século XIX, com a efervescência das teorias biológicas e o auge da razão como verdade absoluta, teorias queriam dar uma explicação científica para o homossexualismo. A lobotomia cerebral foi declarada como uma solução cirúrgica para quem quisesse se “livrar” do hábito. Nesse mesmo período, diversos grupos lutaram pelo fim da discriminação e a abolição da classificação científica que designa o homossexualismo como doença.

O século XX constituiu um dramático ponto de transição na turbulenta história do homossexualismo. Nunca antes tantos homossexuais haviam alcançado tamanho destaque na literatura, nas artes, na política e em outras esferas. Ao mesmo tempo, regimes ditatoriais através da Europa perseguiram duramente os membros desse grupo, como aconteceu na Alemanha nazista e nos países

comunistas do Leste Europeu. Esses e outros fatores chamaram a atenção da opinião pública para os integrantes desse segmento e despertaram crescente simpatia em relação a eles. Por fim, o surgimento de um movimento homossexual organizado e militante nos anos 70 forçou a sociedade e as igrejas a se posicionarem de uma vez por todas quanto a essa questão, o que tem acontecido de modo conflitante nas últimas décadas (FRY e MACRAE, 1985, p. 51-59).

Recentemente tem-se presenciado na mídia brasileira e internacional uma crescente aprovação e até certo incentivo dos relacionamentos homoafetivos, inclusive atingindo faixas etárias inferiores à da maioria civil. Albert Mohler desenvolveu um estudo a respeito, no qual afirma que “nossa cultura tem sido bombardeada com imagens designadas a retratar o homossexualismo como um estilo de vida normal”, a exemplo das novelas exibidas em horário nobre na mídia televisiva. Os temas homoeróticos se encontram infiltrados na mídia de tal forma que os cidadãos perderam a capacidade de se chocar com isso (MOHLER, 2004, p. 6).

Em muitos países ocidentais, os homossexuais tiveram alguns direitos reconhecidos legalmente, tal qual no Brasil, cuja constituição diz que todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Nosso regime democrático não permite qualquer distinção pela orientação sexual de cidadãos, significando que a todos estão assegurados os princípios da dignidade, liberdade, igualdade e isonomia. Em maio de 2011, o Brasil, através do Supremo Tribunal Federal, reconheceu o registro das uniões estáveis de casais homossexuais. (FERRARI, 2004, p. 112).

A incidência política e a visibilidade massiva têm sido as principais estratégias utilizadas pelo movimento nos últimos anos. Tais estratégias têm produzido resultados como a implementação do Programa Brasil sem Homofobia e o estabelecimento de normativas de associações profissionais, como é o caso dos conselhos de Psicologia e de Serviço Social, proibidos de tratar práticas sexuais não convencionais de forma condenatória e censurados de fazer associações do comportamento homossexual à vergonha, pecado, doença, degeneração e imoralidade. O sociólogo Robinson Cavalcanti ressalta que o trabalho dos psicólogos está tão cerceado ao ponto de a psicóloga brasileira Rozângela Justino, presidente da ONG Abraceh, que oferece apoio a pessoas que querem abandonar a prática do homossexualismo, já tenha recebido dois processos do Conselho Federal de Psicologia por exercer tal prática (CAVALCANTI, 2007, p. 20,21). Já o Conselho

Federal de Medicina, no ano de 1997, garante aos transexuais o direito de participar de cirurgias experimentais de transgenitalização.

Os objetivos destas organizações vão além de simplesmente reivindicar direitos aos homossexuais, mas inclui também a propagação de sua ideologia.

3. UMA ABORDAGEM DO PENSAMENTO CRISTÃO

Algumas questões sociais são facilmente abordadas pelo cristão moderno posto que determinadas ideias, mesmo que embasadas na Bíblia, não encontram resistência por parte da sociedade, pelo contrário, são populares e dignas de reconhecimento público, tais quais: a luta contra a miséria, a fome e o tráfico de pessoas. No entanto, questões como a homossexualidade e o aborto são polêmicas, gerando críticas aos que defendem o posicionamento bíblico tradicional e, portanto, evitadas pela maioria dos cristãos. Mas o mesmo evangelho que compele cada cristão a combater a pobreza, também o desafia a lutar contra a imoralidade sexual e a defender seus valores éticos. A sociedade precisa de uma resposta cristã coerente com relação aos problemas sociais mais urgentes dos nossos dias, ainda que esta manifestação seja contracultural.

O fato é que a visão bíblica a respeito da homossexualidade não é a maior ofensa que o cristianismo oferece ao mundo moderno, pois o evangelho em si é uma grande ofensa ao humanismo contemporâneo. Já em Gênesis, as Escrituras afirmam que há um só Deus criador de todas as coisas e que Ele tem autoridade sobre tudo que criou, inclusive sobre a humanidade. Mas ao deparar-se com a narrativa do primeiro pecado, compreende-se que o relativismo moral deste século não é nenhuma novidade. Quando o homem tenta usurpar o lugar de Deus (ou mesmo eliminá-lo do cenário) perde a objetividade para determinar o bem e o mal, o certo e o errado, o moral e o imoral. Assume então que não é o Senhor que define o que é melhor para si, mas ele próprio é quem, agora, decide o que é certo e errado, o bem e o mal. E esta ainda é a tônica de nossos dias, sob alegações de que não existe certo ou errado e de que toda ética é ilusória e arbitrária, pois o que deve ser levado em conta são exclusivamente nossas preferências pessoais (STOTT, 1981, p. 95).

Confrontar uma sociedade que gira em torno de si mesma é, afinal de contas a essência do que significa seguir a Cristo. Jesus disse, em Lucas 9:23 "Se alguém

quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me". E isso é contracultural. Defender valores morais bíblicos não é uma tarefa fácil ao cristão moderno, mas é sua obrigação posicionar-se frente à problemas que têm sido banalizados e até mesmo aceitos dentro das igrejas como naturais. E o homossexualismo é de extrema relevância dentro deste contexto.

Mas não se pode negar que Deus estabeleceu relacionamentos heterossexuais quando ele criou "homem e mulher". Além disso, ordenou-lhes que tivessem filhos (Gn 1:27,28). Desde o princípio o sexo foi estabelecido num contexto familiar. O escritor da Epístola aos Hebreus proclama "sejam honrados entre todos o matrimônio e a pureza do leito conjugal; pois Deus julgará os imorais e adúlteros" (Hb 13:4).

O casamento é a "união de duas pessoas que originalmente foram uma, depois foram separadas uma da outra, e agora no encontro sexual do casamento se uniram novamente". Lovelace acrescenta dizendo que "não é por acidente que toda forma de expressão sexual fora da aliança do casamento seja explícita ou implicitamente condenada no restante das Escrituras". (LOVELACE, 2018, p. 78)

O propósito de Deus é que o homem se junte a uma mulher e ambos formem "uma só carne" (Gn 2:24), constituindo-se numa família heterossexual, na qual os filhos poderão ser educados em um ambiente sadio e livre de preconceitos.

Stott diz que "desde que a ordem (monogamia heterossexual) foi estabelecida pela criação, não pela cultura, sua validade é permanente e universal. Não pode haver 'liberação' das normas criadas por Deus; a verdadeira liberação é encontrada em sua aceitação" (STOTT, 1993, p. 183).

Nas Sagradas Escrituras, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento revelam nitidamente reprovação à prática homossexual, porém é o apóstolo Paulo, em suas epístolas aos Coríntios e aos Romanos, que trata da questão de forma mais elucidativa. O primeiro capítulo da epístola de Romanos nos auxilia sobremaneira a compreender a questão do pecado da homossexualidade, pois nos versículos 26 e 27 a homossexualidade feminina e masculina é abordada com clareza.

18 A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça;

19 porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.

20 Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis;

21 porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

22 Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos

23 e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

24 Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si;

25 pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

26 Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza;

27 semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. (ALMEIDA, 2006)

Primeiramente Paulo apela para a revelação natural de Deus para afirmar que qualquer pessoa pode ter um conhecimento básico de Deus ao observar a criação. Desta forma, muitos atributos de Deus poderiam ser conhecidos através da simples observação da natureza criada, que por sua complexidade estrutural nos evidencia um poderoso Ser Criador, descartando a possibilidade de que tão bela e inexplicável obra pudesse ser fruto do acaso.

Paulo apela novamente à “natureza” para atacar a perversão moral do povo, exemplificada através da prática do homossexualismo masculino e feminino. A argumentação de Paulo se fundamenta no fato de que tais práticas são antinaturais, contrárias às “leis da criação”, ou seja, contrárias à intenção do Criador, pois o natural, idealizado por Deus, é o relacionamento sexual entre o homem e a mulher. Sendo assim, relacionamentos homossexuais se constituem em pecado, pois desprezam o conhecimento de Deus e o propósito da criação. (BORNSCHEIN, 2018, p. 12).

O apóstolo poderia se fundamentar em textos do Antigo Testamento para justificar sua convicção, mas através de um discurso elementar traz à reflexão o fato de que a consideração da anatomia dos órgãos sexuais do homem e da mulher já deveria demonstrar que as práticas homossexuais não são normais. Tanto o Judaísmo quanto o Cristianismo sempre reconheceram esse fato e o paganismo, ou seja, o distanciamento de Deus, sempre foi caracterizado pela perversão sexual, pois transforma a verdade de Deus em mentira.

O pecado abala o relacionamento do ser humano com Deus. A expressão “ira de Deus” não pode ser confundida com sentimentos humanos de raiva e rancor.

A ira de Deus se revela no ato de Deus em permitir que o homem viva longe Dele e de seus cuidados, tomando suas próprias decisões e arcando com as consequências. Este conceito fica bem claro no texto paulino de Romanos 1, quando por três vezes o apóstolo repete a expressão “Deus os entregou” (versos 24, 26 e 28). Tal expressão remete ao entendimento de que Deus não irá intervir na vida destes pecadores obstinados, retirando sua influência moderadora e permitindo que se degenerem moral e espiritualmente e nisto consiste a ira de Deus.

Até o presente momento, a comunidade científica não chegou a um consenso sobre as causas que levam uma pessoa a ter uma conduta homossexual e parece que este texto de Paulo nos dá a resposta. O versículo 27 de Romanos enfoca não o fato de o homossexualismo ser um pecado que deva ser castigado, mas afirma que o homossexualismo por si só já é um castigo. Por terem rejeitado a Deus e se tornado idólatras, alguns homens e algumas mulheres tornaram-se escravos de paixões infames (v. 26). Logo, eles recebem em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. O comportamento homossexual nada mais é que um sinal da queda da humanidade e da sua impossibilidade em viver os propósitos de Deus sem uma conversão e retorno a Ele.

Assim, conclui-se que a homossexualidade não é fruto de uma escolha individual, de um determinismo genético, de uma doença, construção social ou qualquer outra pressuposição moderna. A homossexualidade, tal como qualquer outro pecado de natureza sexual, qualquer outra perversão sexual, é fruto do afastamento de Deus, da escolha que, desde o início, os homens têm feito.

Também aos coríntios, uma igreja que lutava com tantos conflitos morais, nos versículos 09 ao 11 do capítulo 6 de 1 Coríntios, o apóstolo Paulo faz uma lista de pecados, abordando também a homossexualidade.

Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganais: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus. (ALMEIDA, 2006)

De acordo com este texto de 1 Coríntios "nem os que se submetem a práticas homossexuais, nem os que as procuram herdarão o reino de Deus". É óbvio que a referência aqui diz respeito aos incrédulos uma vez que Paulo falou aos cristãos em Corinto: "Alguns de vós éreis assim" (v. 11). Em outras palavras, nenhum cristão pode ser caracterizado por esse tipo de vida. Todos são pecadores

e embora os pecados sejam diversos, sempre serão rebelião contra Deus. Se o seguidor de Cristo entende que é resgatado do pecado, por consequência deveria também compreender que seus relacionamentos com as outras pessoas necessitam ser pautados pela compaixão e cuidado verdadeiro. O amor de Jesus não abandonou as pessoas onde elas estavam, mas foi ao encontro delas.

O pecado da homossexualidade havia se expandido na vida grega, e mais tarde se propagou em Roma. Mas, a este mundo mergulhado na decadência moral, chegou o poder do cristianismo, uma força realmente capaz de transformar os valores da humanidade. Assim, Paulo finaliza a perícopes: “Tais fostes alguns de vós.” A maior prova do cristianismo residia em seu poder. Podia tomar homens perdidos na vergonha e torná-los filhos de Deus. Havia em Corinto, e em todo mundo, homens que eram provas viventes do poder regenerador de Cristo. O apóstolo não termina o assunto com a expressão “não herdarão o reino de Deus”, mas com a notícia de que algumas de suas ovelhas em Corinto eram homossexuais passivos ou ativos, mas deixaram de ser depois que foram alcançadas pela graça de Deus, o que pode acontecer também hoje em dia.

Os pecados citados por Paulo ainda nos dias de hoje são considerados transgressões aos princípios cristãos. Mas o poder transformador de Cristo também ainda é o mesmo. Nenhum homem pode mudar-se a si mesmo, mas Cristo pode fazê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bíblia ensina que Deus oferece a Sua graça para redimir e reconciliar qualquer pecador Consigo mesmo, às Suas próprias custas, por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. A visão bíblica e cristã sobre a homossexualidade é que essa prática é errada, mas que a graça de Deus, assim como fez conosco, oferece a todas as pessoas a libertação do pecado.

O homossexualismo é um pecado como outro qualquer: pode ser perdoado e precisa também ser vencido pela graça de Deus.

Os vícios reprogramam o cérebro, seja pornografia, álcool ou fumo. As pessoas adquirem padrões e hábitos difíceis de quebrar, que causam um abalo profundo e permanente. A vitória vem à medida que crescemos na compreensão da nossa identidade em Cristo.

Não é só uma questão de tentar administrar o pecado, mas uma caminhada no conhecimento e na semelhança de Cristo. Percebe-se agora que o estar em uma situação (tendência) homossexual, não é a mesma coisa que o comportamento homossexual. Uma pessoa que sente em si a atração por outras do mesmo sexo, pode não ter relação sexual ou outras práticas íntimas com estas e, portanto, não vive atos homossexuais.

Deus determinou que o sexo deve ser usado no contexto de uma relação heterossexual monogâmica. As práticas homossexuais são contrárias ao padrão ordenado por Deus aos seres humanos. Ademais, a Bíblia fala, de modo explícito e categórico, contra as práticas homossexuais. O Antigo Testamento considera tais práticas como ofensas capitais, e o Novo Testamento se refere a elas como dignas de excomunhão, uma vez que Paulo declara que nenhum homossexual praticante irá herdar o reino de Deus. A linguagem das Escrituras não poderia ser mais enfática do que isto. As práticas homossexuais são chamadas inaturais, impuras, vergonhosas, indecentes, perversas e abomináveis, (GEISLER, 2010, p. 353,354) mas a boa notícia é que a graça de Deus é transformadora e pode alcançar a todos.

O presente trabalho não tem a pretensão de resolver todos os dilemas que envolvem a comunidade cristã e os homossexuais, mas de trazer à reflexão a postura da igreja com relação a esta questão, a fim de contribuir para um diálogo franco entre as partes, sempre alicerçado no amor e no respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia de Estudo**: Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006 (ARA).

BERSTEIN, Arthur J. **The relationship between perceived parent attachment, homosexual identity formation, psychological adjustment and parent awareness of gay and lesbian young adults**. Dissertation Abstract section A: Humanities and Social Sciences, 1997. Mar; Vol 57 (9-A): 4145. Artigo disponível na Internet, pelo sistema CAPES; PsycINFO (1996-1997), acesso restrito da Universidade Federal de Santa Catarina.

BORNSCHEIN, Fred. **Apostila de Romanos**. Trabalho não publicado. Curitiba-PR, 2018.

BREMMER, Jan N. **De Safo a Sade momentos na história da sexualidade**. Campinas: Editora Papirus, 1995.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CAVALCANTI, Robinson. **Reforçando as Trincheiras: análise da problemática do homossexualismo à luz do cristianismo histórico.** São Paulo: Editora Vida, 2007.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo.** Revista Brasileira de Educação, v 25, p. 105-115, Jan /Fev /Mar /Abr, 2004.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, vol. VII. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FRIEDMANN, E.H. **Secrets and Systems.** In: J.P. Lorio & L. McClenathen (Eds), **The Georgetownfamily symphosia**, vol. 2. Washington, DC: Georgetown University Family Center Publishers, 1974.

FRY, P; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã: opções e questões contemporâneas.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2010.

GRZYBOWSKI, Carlos T. **Esboço de um enfoque Sistêmico.** In: Boletim de Psicoteologia – 1º semestre 2001 – Ano XIV – nº 29.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval.** Portugal: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOVELACE, Richard R. **Dinâmicas da vida espiritual: Uma teologia evangélica de renovação.** São Paulo. Shedd Publicações, 2018.

MOHLER, Albert. **Homosexuality and the Bible.** Louisville, KY: The Southern Baptist Theological Seminary, s.d., p. 6, 2004.

OMS. **43ª Assembleia Mundial de Saúde: Resolução WHA43.24.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1993.

OLIVEIRA, Regis Fernandes de. **Homossexualidade: uma visão mitológica, religiosa, filosófica e jurídica.** 2011.

PLATT, David. **Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia.** São Paulo, Vida Nova, 2016.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SEVERO, Julio. **O movimento homossexual**. Curitiba, PR. Editora Betânia, 1998.

SPATARO, Josie. **Child sexual abuse: A reality for both sexes**. **Australian Psychologist**, 2001. Nov; Vol 36 - p. 177-183. Artigo disponível pela Internet, no sistema CAPES (UFSC): PsycINFO 2001 Parte A.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade**: uma história. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

STOTT, John R. W. **Contra cultura cristã**: a mensagem do sermão do monte. São Paulo, SP. Editora ABU, 1981.

STOTT, John R. W. **Grandes questões sobre sexo**. São Paulo, SP. Editora Vinde, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

WHITAKER, A. BUMBERRY, W. **Dançando com a família**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

WILLIAMS, C. A. **Roman homosexuality**: ideologies of masculinity in classical antiquity. Nova Iorque: OUP, 1999.